Apresentação

É com satisfação que apresentamos aos leitores o segundo número do volume 11 da *Revista Calidoscópio*, composto de nove artigos inéditos, uma tradução de artigo e uma entrevista. Os artigos redigidos pelos pesquisadores de diversas partes do país e também da Europa se articulam com a linha de pesquisa Interação e Práticas Discursivas do PPGLA da Unisinos.

O artigo que abre este número, *A diversidade linguística como questão de governo*, de autoria de Cristine Gorski Severo, da UFSC, examina o papel dos discursos e saberes a respeito da diversidade linguística no âmbito do Estado. A autora realiza uma análise panorâmica das práticas e dos discursos sobre a diversidade linguística no Brasil entre os séculos XVI e XXI, constatando que a defesa da diversidade linguística não implica, necessariamente, a promoção da diversificação das culturas, de formas de ser, de pensar e de agir no mundo.

O segundo artigo, *Ideologia racista de cor no discurso midiático 'Filhas do Vento'*, de Miriam Ribeiro de Oliveira, da UNEB, analisa, sob a luz de pressupostos teóricos de Pêcheux e Foucault, a veiculação e a proliferação de uma ideologia racista de cor em fragmentos de discurso retirados do filme *Filhas do Vento*.

Em seguida, Bruno Deusdará e Décio Rocha, da UERJ, em *Poder e subjetividade: imagens da soberania e da liderança empresarial em um decreto presidencial*, analisam o discurso de um decreto presidencial referente a um plano de metas educacionais. Os autores se fundamentam num encontro conceitual entre a noção de prática discursiva de Maingueneau e a concepção de poder formulada por Foucault. As análises indicam a pertinência dessas duas noções como chaves para a desnaturalização do social, destacando a dinâmica de produção simultânea entre linguagem e mundo.

No quarto artigo, *The native speaker and nonnative speaker debate: what are the issues and what are the outcomes?*, John Robert Schmitz, da UNICAMP, analisa as noções de “falante nativo” e “falante não nativo”. O objetivo é apresentar o desenvolvimento histórico da complexidade desses termos na área dos estudos da linguagem. O autor se reporta ao debate que já foi realizado com relação a essa terminologia, indicando uma reavaliação da noção de “falante não nativo”.

Na sequência, Ana Antônia Assis Peterson e Maria Inês Pagliarini Cox, ambas da UFMT, em *Standard English & World English: entre o siso e o riso*, analisam uma entrevista midiática do técnico de futebol Joel Santana, com respostas em “portinglês”, a um jornalista estrangeiro e sua repercussão na mídia. Refletindo sobre isso, as autoras fazem questionamentos sobre as expectativas no ensino de inglês no Brasil. Os argumentos das autoras sugerem que o uso criativo do inglês é um caso de “glocalidade”

e, ainda, que os padrões de língua poderiam ser menos rígidos, em nome da aprendizagem e do uso mais efetivo.

O sexto artigo, *The effect of using out-of-class contexts on EFL learners: an action research*, de autoria de Beatriz Cortina-Pérez e Luz Mery Solano-Tenorio, Universidade de Granada, na Espanha, aborda o efeito da Aprendizagem de Idioma Fora da Sala de Aula (AIFSA) sobre a competência comunicativa do inglês. O estudo compara dois grupos de estudantes nativos da Colômbia: um grupo experimental, que participou de aulas de inglês com base na AIFSA, e um grupo controle, que teve aulas dentro da sala de aula. Os resultados demonstraram que houve diferenças evidentes entre os dois grupos, no desempenho pós-teste, a favor do grupo experimental.

Em “*Eu não aguento mais!*”: a produção de *accounts narrativos nas ligações para o serviço de emergência da Brigada Militar (190)*, Marcia de Oliveira Del Corona e Ana Cristina Ostermann, da Unisinos, relatam um estudo qualitativo, fundamentado na teoria e na metodologia dos estudos de fala-em-interação social em contextos institucionais e da Análise de Categorias de Pertença. As autoras analisaram interações telefônicas entre comunicantes e atendentes do serviço de emergência “190”. Os dados revelam que comunicantes, ao descreverem suas ações e as de seus agressores, realizam determinadas categorizações que constroem antagonismo entre as partes; e evidenciam conhecimentos socialmente compartilhados do que constitui um evento moralmente sancionável, de modo a garantir a prestação do serviço pelo 190.

No oitavo artigo, *Hibridismo de papéis na fala de uma Juíza do Juizado Especial Criminal*, Amitza Torres Vieira e Débora Marques, ambas da UFJF, têm a finalidade de investigar os papéis desempenhados por uma juíza em uma audiência de julgamento de crimes de menor potencial ofensivo. Os resultados mostram que ela desempenha papéis orientados para a realização de tarefas institucionais e também orientados para o controle da interação. O hibridismo de papéis, no contexto analisado, além de ser predominantemente orientado para as partes, vítima e réu, encontra-se imbricado à criatividade exigida para a execução do mandato institucional deste tipo de atividade de fala.

Na sequência, Paula Avila Nunes, da UTPR, e Magali Lopes Endruweit, da UFRGS, no artigo, *O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência?*, discutem a especificidade da enunciação escrita no ensino de língua portuguesa, com base em Benveniste. A hipótese defendida pelas autoras é a de que a leitura, em sala de aula, dos textos produzidos por discentes se configura como um caminho intermediário para o entendimento das propriedades específicas dos aspectos de pessoa, tempo e espaço da enunciação escrita.

Por fim, este número da Revista Calidoscópio conta com uma tradução do artigo *A língua entre cognição e discurso*, de Sarah de Vogüé, professora da Universidade de Paris Ouest. Na tradução, feita por Márcia Cristina Romero Lopes, da UFSP, apresentamos, em português, a reflexão da autora sobre o papel da linguagem e das línguas na elaboração da cognição e dos discursos. O artigo discute a dialética em jogo nos enunciados, os quais determinam o discurso e são por ele determinados, e nas próprias palavras, que determinam discursos e saberes ao mesmo tempo em que são efeitos de discursos e reflexos de saberes, o que faz com que a terminologia seja, esta também, externa e interna à língua.

A Revista Calidoscópio encerra este número com o texto de uma entrevista de Marlene Teixeira, da Unisinos, e Valdir do Nascimento Flores, da UFRGS, a Chloé Laplantine, doutora em língua francesa pela Universidade de Paris VIII Vincennes-Saint-Denis. A pesquisadora vem desempenhando um papel importante no movimento de reinterpretação dos textos de Émile Benveniste. A entrevista se chama *Émile Benveniste: em direção a uma Poética do Discurso*, e aborda a ideia benvenistiana de que a língua, em sua atividade discursiva, histórica, é interpretante de toda atividade humana.

Ana Maria Stahl Zilles